

GRUPOS DIALÓGICOS: INSPIRANDO FAZERES GRUPAIS A PARTIR DE CONCEITOS BAKHTINIANOS

*Barbara Maria Turci
Eliane Regina Pereira
Emerson Fernando Rasera*

Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, Brasil

RESUMO

Este estudo tem como objetivo possibilitar a inspiração de fazeres grupais baseados nas contribuições de Mikhail Bakhtin. Para tanto, foram selecionados os conceitos de Dialogismo, Polifonia, Ato/Atividade, Tom Emotivo-Volitivo, Enunciado, Excedente de visão/Exotopia, e Autor/ Autoria, e realizada uma breve aproximação, seguida de uma análise direcionada à construção de uma descrição de grupo. Nesse sentido, entende-se o grupo dialógico como, principalmente, aquele que possui um movimento em que o sujeito é percebido como ativo e responsivo, por meio de uma abertura de espaço para que seu discurso possa ser ouvido e respondido e para que, a partir desses encontros, novos enunciados sejam criados, em polifonia.
Palavras-Chave: Grupo; Mikhail Bakhtin; Dialogismo.

DIALOGICAL GROUPS: INSPIRING GROUP PRACTICES FROM BAKHTINIAN CONCEPTS

ABSTRACT

This article seeks to inspire group work based on bakhtinian contributions. For this purpose, the concepts of Dialogism, Polyphony, Act/Activity, Emotive-Volitional Tone, Utterance, Surplus of Vision/Exotopy, and Author/Authorship were selected, and a brief synthesis was carried out, followed by an analysis directed towards the construction of a description of group. In this sense, the dialogic group is understood as, mainly, the one that possesses a movement in which the subject is perceived as active and responsive, through an opening of space so that his/her speech can be heard and answered and so that, from these encounters, new utterances can be created, in polyphony.

Keywords: Group; Mikhail Bakhtin; Dialogism.

GRUPOS DIÁLOGICOS: INSPIRANDO ACCIONES DE GRUPO A PARTIR DE CONCEPTOS BAKHTINIANOS

RESUMEN

El presente artículo tiene como objetivo inspirar hacer grupales basados en contribuciones bakhtinianas. Fueron elegidos conceptos de Dialogismo, Polifonía, Acto/Actividad, Tom Emotivo-Volitivo, Enunciado, Excedente de visión/Exotopía, y Autor/Autoria; realizada una breve aproximación a ellos seguida de un análisis dirigido al desvelamiento de una visión de grupo. Así, se entiende el grupo dialógico como, principalmente, aquel que posee un movimiento en que el sujeto es percibido como activo y responsivo, por medio de una apertura

de espacio para que su discurso pueda ser oído y respondido y para que, a partir de esos encuentros, nuevos enunciados sean creados, en polifonía.

Palabras Clave: Grupo; Mikhail Bakhtin; Dialogismo.

DOS GRUPOS AO PENSAMENTO BAKHTINIANO

São diversas as noções atribuídas aos grupos ao longo da história, convergentes com diferentes áreas do conhecimento e com múltiplas abordagens. Segundo Lane (2001), essa multiplicidade é embasada em redefinições estabelecidas ao longo do tempo pela Psicologia Social que se propõe a pensar no grupo a partir das determinações sociais que o atravessam, em uma concepção de que “toda ação transformadora da sociedade só pode ocorrer quando indivíduos se agrupam” (Lane, 2001, p. 78).

Para Vygotski (1995), o homem é formado por um conjunto de relações sociais por ele apropriadas e, então, dotadas de sentidos únicos, o que o caracteriza, segundo Zanella e Pereira (2001), como um ser inexoravelmente social. O conceito de relações sociais envolve ainda, para as autoras, o encontro/confronto entre interlocutores localizados no inevitável atravessamento sujeito-cultura, sendo que os grupos são compreendidos por elas como um dos espaços, de inegável importância, em que esse movimento tem lugar.

Não há como limitar as inúmeras visões existentes sobre grupo, mas é perceptível através da história, que o grupo por si só não possui um caráter de movimento, disruptivo, transformador. Há, assim, a necessidade de que as teorias grupais apresentem ao sujeito condições para que ele se torne um autor de seu processo de constituição e na produção de sua história social e, portanto, de rompimento com o que Martín-Baró (2017) chama de “graves deficiências” (p. 208) nas concepções de grupo: parcialidade dos paradigmas predominantes, perspectiva individualista e ahistoricismo.

Considerando, portanto, uma visão de grupo em que tanto as determinações sociais e históricas como a singularidade dos sujeitos que o compõem são basilares para compreensões sobre esse lugar, não entendidas de forma dicotômica, mas de forma dialética, o objetivo desse artigo é apontar uma visão de grupo baseada nas contribuições de Mikhail Bakhtin, possibilitando a inspiração de um fazer grupal.

É importante notar que Bakhtin é um filósofo, historiador da cultura e estética, linguista e crítico literário, que não escreve sobre os grupos. Contudo, a interlocução entre diferentes campos, tal como realizada nesse ensaio, é sempre valorizada na obra do autor, o qual aponta que um enunciado é perpassado por inúmeros outros, em polifonia e de forma dialógica. O ato de pesquisar proporciona ao trabalho e à escrita um processo de transformação e movimento constantes que Amorim (2004) compara com a produção de um filme ao dizer do quanto o ponto de vista do cineasta é alterado a todo momento pelo outro. Assim, estranhar alguns fazeres grupais, algumas leituras e, posteriormente, o próprio texto foi sendo um caminho fundamental do distanciamento à familiaridade: “Para que alguma coisa possa se tornar objeto de pesquisa, é preciso torná-la estranha de início para poder retraduzi-la no final: do familiar ao estranho e vice-versa, sucessivamente.” (Amorim, 2004, p. 26).

Além disso, esse texto é feito sempre no intertexto, na busca de uma escrita dialógica que reflete a pluralidade de vozes que o constituem. Do contrário, seria uma produção monológica, que apagaria os diferentes enunciados que geraram as questões aqui abordadas em um dogmatismo que não condiz com o processo de pesquisar (Amorim, 2004) e que não abre possibilidade para continuidade de diálogo proposto. Dessa forma, vários autores foram lidos por realizarem uma interlocução com o pensamento bakhtiniano e auxiliarem na aproximação aos conceitos abarcados e utilizados em uma análise realizada, então, em coautoria, sendo que

nessa perspectiva um enunciado concreto nunca está separado de seu contexto cultural, apresentando uma verdade carregada de uma ideologia de base e localizada em um tempo e espaço (Bakhtin, 2002).

Assim, a discussão proposta nesse ensaio procura se apropriar dos conceitos bakhtinianos para inspirar fazeres grupais que considerem o grupo como lugar de encontro e confronto de múltiplas singularidades que possam existir de forma equipolente, constituindo um texto que realiza, primeiramente, uma apresentação dos conceitos bakhtinianos, e, posteriormente, propõe uma discussão que busca entender como atrelá-los a uma visão de grupo, podendo inspirar a prática de grupos.

Para pensar os conceitos que seriam escolhidos, realizamos leituras de autores que abordam concepções de Bakhtin para buscar conceitos cujas significações estão, de forma mais clara, atreladas às compreensões de sujeito e de relações sociais como inseparáveis e reciprocamente constituintes, possibilitando pensar no lugar do grupo como um lugar de acontecimento desses processos. A partir desse critério, foram selecionados os conceitos de Dialogismo, Polifonia, Ato/Atividade, Tom Emotivo-Volitivo, Enunciado, Excedente de visão/Exotopia, e Autor/ Autoria. Escolhidos os conceitos, foi realizada uma aproximação teórica e posterior discussão sobre como eles podem oferecer uma visão de grupo que inspire outros fazeres grupais.

BREVES APROXIMAÇÕES TEÓRICAS A ALGUNS CONCEITOS BAKHTINIANOS

Mikhail Bakhtin é autor de uma obra complexa, de um rico arcabouço teórico e conceitual. Nessa seção, são buscadas breves aproximações teóricas que, no limite do espaço desse ensaio, permitam uma contextualização que aponte sua potencial contribuição para a posterior interlocução com o campo grupal.

DIALOGISMO

Fundamental na construção do livro “Problemas da Poética de Dostoievski”, revolucionário na teoria do romance como gênero específico a partir de uma poética histórica, o conceito de dialogismo carrega o sentido primeiro e amplo de que o sujeito não existe de forma isolada, mas na relação entre um emaranhado de consciências (Bezerra, 2005). Essa relação não acontece exclusivamente na interação face a face, mas entre as vozes sociais: posicionamentos no mundo constitutivos das pessoas, como nas palavras de Faraco (2003), em que o mundo interior das mesmas é uma arena povoada dessas vozes, consonantes, dissonantes, sempre em movimento, em contínuo devir, e repletas de uma interação socioideológica.

Para Fiorin (2006), o fato de a dialogia não estar resumida à presença física não retira a possibilidade de ela se apresentar nessa situação, já que a mesma acontece em todo processo de comunicação, em qualquer dimensão, estando, portanto, no espaço entre discursos, em que só existe interlocutor por existir esse encontro. Segundo esse autor, existem, ainda, dois importantes sentidos desse conceito: seu modo concreto de funcionar como princípio constitutivo da linguagem e outra forma singular de composição do discurso em que a apropriação da realidade acontece a partir de uma relação dialógica entre discursos.

Uma das características fundamentais desse conceito, no entanto, é que as vozes sociais constitutivas das relações dialógicas são equipolentes, não se unificam, ou se conciliam, mas coexistem em suas contradições:

Seu mérito [Dostoievski] consiste em abster-se de tornar monológico esse mundo, em abster-se de qualquer tentativa de unificação e conciliação das contradições que ele [o mundo] encerra: adota a multiplanaridade e o caráter contraditório como momento essencial da própria construção e da própria ideia artística. (Bakhtin, 2010, p. 21)

POLIFONIA

Bezerra (2005) destaca a polifonia atrelada, de uma forma geral, à ideia de não acabamento, de inconclusibilidade, de realidade em formação e, principalmente, de multiplicidade de vozes, tendo surgida a partir do estabelecimento de dois tipos de escrita romanesca entendidos por Bakhtin em seus estudos sobre a literatura: o monológico e o polifônico.

Os postulados bakhtinianos contam sobre a capacidade de Dostoievski de criar suas personagens como personas do mundo real, mantendo sua autonomia e sua independência em relação inclusive a ele mesmo, o que daria a característica polifônica a essa escrita, ou seja, de oposição à estagnação que encerraria a pluralidade e movimentação das vozes constitutivas das personagens.

O herói [de Dostoievski] tem competência ideológica e independência, é interpretado como autor de sua concepção filosófica própria e plena, e como objeto da visão artística final do autor [...]. O valor direto e pleno das palavras do herói desfaz o plano monológico e provoca resposta imediata, como se o herói não fosse objeto da palavra do autor, mas veículo de sua própria palavra, dotado de valor e poder plenos. (Bakhtin, 2010, p. 3)

Quando se diz sobre polifonia diz-se de um permanente processo, de muitas verdades possíveis no encontro entre vozes da vida social, cultural e ideológica, que, no caso dos romances dostoiévskianos, está representado nas personagens que realizam esse movimento de constante contradição. A polifonia, se dá como evento de integração entre vozes autônomas e internamente inacabadas (Bakhtin, 2002).

Dessa forma, quando o sujeito fala, ocupa a posição de regente de um grande coro de vozes que o constituem. Ele as recria sem que elas se percam e faz com que elas revelem nele mesmo outros sujeitos, infinitos e inacabáveis (Bezerra, 2005). A essência da polifonia reside precisamente no fato de que as vozes permanecem independentes e, como tal, são combinadas em uma unidade de ordem superior à homofonia [monologia].

E se falarmos de vontade individual, então, é precisamente na polifonia que ocorre a combinação de várias vontades individuais, realiza-se a saída de princípio para além dos limites de uma vontade. Poder-se-ia dizer assim: a vontade artística da polifonia é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento. (Bakhtin, 2002, p. XXXVI)

ATO/ATIVIDADE

O conceito de ato/atividade é tratado principalmente no livro “Para uma filosofia do ato responsável”, em que Bakhtin (2010) o define como qualquer atividade humana: pensamentos, sentimentos, desejos, discursos. Sobral (2005) recorda, portanto, que essa formulação não se confunde com ação física, mas que também não deixa de englobá-la como agir humano cujo sentido lhe é atribuído de forma ativa por quem e no momento que o realiza. A autora também postula os diálogos dessa ideia com reflexões de outros filósofos e estudiosos como Platão, Kant, Schelling e Marx, para que Bakhtin chegasse à seguinte elaboração:

Cada um de meus pensamentos, com o seu conteúdo, é um ato singular responsável meu; é um dos atos que compõem a minha vida singular inteira como agir ininterrupto,

porque a vida inteira na sua totalidade pode ser considerada como uma espécie de ato complexo: eu ajo com toda a minha vida, e cada ato singular e cada experiência que vivo são um momento do meu viver-agir. (Bakhtin, 2010, p. 44)

Duas características fundamentais atribuídas a esse conceito são as da unicidade e irrepetibilidade do ato, em que, ao agir, o sujeito o faz de formas singulares, de acordo com o processo de sua constituição. Se um agir é único mesmo perante o mesmo contexto, não acontecerá da mesma forma duas vezes, o que, por sua vez, concerne a quem o realizou a capacidade de resposta por sua ação, premissa do chamado ato responsável (Bakhtin, 2002).

Apesar de uma tradução que dá margem a interpretações que dão o significado de culpa à palavra “responsável”, Bakhtin (2010) oferece a esse termo o sentido de não álibi que fundamenta a ação, em que o sujeito não tem como se desvencilhar de sua atividade. Sobral (2005) interpreta ato responsável como ato participante, não indiferente, que considera todo o conteúdo que envolve o processo de sua construção, abarcando a valoração e avaliação do próprio agente.

Por fim, a unicidade, a irrepetibilidade e a ação responsável de que falam Bakhtin não correspondem a egoísmo ou a solidão, muito menos ao cumprimento de necessidades. Para o autor, viver a partir de seu lugar singular é diferente de viver por conta própria, mas significa se posicionar de forma a reconhecer suas próprias ações e relações, o que torna o sujeito insubstituível e incapaz de se abster de seu lugar (Bakhtin, 2002).

TOM EMOTIVO VOLITIVO

Sendo um momento inseparável do ato mesmo quando a atividade consiste nos pensamentos mais abstratos, o conceito de tom emotivo volitivo envolve o modo como um sujeito se relaciona com o seu agir no que diz respeito à qualidade do afeto que existe nele com relação ao outro que lhe chega:

Se eu penso num objeto, estabeleço com ele uma relação que tem o caráter de um evento em processo. Na sua correlação comigo o objeto é inseparável da sua função no evento. Mas esta função do objeto na unidade do evento real que nos abarca é seu valor real, afirmado, o seu tom emotivo-volitivo. (Bakhtin, 2010, p. 86)

Essa ideia é determinante dos sentidos que serão atribuídos ao outro, da forma como as ações em relação a ele serão realizadas e, conseqüentemente, da forma como o sujeito se constituirá a partir disso, sendo o tom emotivo volitivo indispensável ao agir. Nenhum pensamento seria realmente pensado, nenhuma palavra seria responsabilmente dita, nenhuma atividade de fato realizada, se não fossem as características desse vínculo, representando o valor realmente afirmado por aquele que pensa daquilo que pensa, por aquele que diz, daquilo que diz, por aquele que age, daquilo que realiza.

Assim, para Bakhtin (2010), esse conceito envolve todo o conteúdo do agir, se relacionando com ele, portanto, também de forma única e irrepetível, orientando o existir singular e afirmando a substância da ação. Ou seja, o modo como alguém se afeta na relação com o outro lhe permite agir de determinada maneira, única.

ENUNCIADO

O conceito de enunciado aparece nas obras bakhtinianas relacionado primeiramente ao discurso verbal, à palavra, em que Bakhtin busca analisar enunciados da vida cotidiana para alcançar um enunciado poético como forma de comunicação estética. Dessa forma, sua formulação está ligada, principalmente, a três fatores: o horizonte espacial comum dos

interlocutores; o conhecimento e a compreensão comum da situação por parte dos interlocutores; e sua avaliação comum dessa situação (Brait & Melo, 2005).

Posteriormente, são incorporados ao enunciado os momentos não verbais da situação da enunciação, relacionados ao contexto histórico maior em que os interlocutores estão situados e às vozes sociais constitutivas:

O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais -, mas também e, sobretudo por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolúvelmente no todo do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. (Bakhtin, 1997, p. 279)

Bakhtin (1997) vincula a essa ideia, portanto, a singularidade do interlocutor da enunciação, em que aquele que fala não fala apenas a partir de si, mas a partir de um contexto e inúmeros outros locutores e enunciados constituídos por inúmeras outras vozes sociais constituintes de seu próprio existir enquanto evento, em que “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” (p. 292).

É fundamental que seja destacado, então, o fato de que no pensamento bakhtiniano a linguagem supõe o outro, que não se constitui como outro presencial, exclusivamente, mas como outro modo de existir no mundo. Faraco (2003) coloca a realidade linguística como um mundo de vozes sociais em múltiplas relações dialógicas: “relações de recusa e aceitação, de convergência e divergência, de harmonia e de conflitos, de intersecções e hibridizações” (p. 80). Dessa forma, o enunciado sempre terá locutor e interlocutores, sendo que, ao dizer para o outro, necessariamente, o sujeito exprime e reafirma sua subjetividade (Amorim, 2004).

A compreensão de uma fala viva, de um enunciado vivo é sempre acompanhada de uma atitude responsiva ativa (conquanto o grau dessa atividade seja muito variável); toda compreensão é prenhe de resposta e, de uma forma ou de outra, forçosamente a produz: o ouvinte torna-se locutor. (Bakhtin, 1997 p. 291)

EXCEDENTE DE VISÃO/EXOTOPIA

O conceito de excedente de visão/exotopia se constitui como posicionamento fundamental do sujeito em relação ao outro, em que o excedente de visão é o olhar possibilitado ao outro do lugar de fora desse outro, o lugar de exotopia, oferecendo a ele uma experiência que ele é incapaz de ter por si só justamente por estar locado de dentro de si mesmo (Bakhtin, 1997).

A partir dessa relação, “olhamo-nos com os olhos do outro, mas regressamos sempre a nós mesmos e a nossa incompletude” (Geraldí, 2007, p. 44), num processo em que o outro proporciona a alguém um acabamento provisório necessário à sua constituição:

Estou por inteiro dentro da minha vida e, se eu de alguma maneira pudesse ver o exterior da minha vida, esse exterior se integraria imediatamente à minha vivência interna, a enriqueceria de um modo imanente [...]. Supondo-se que eu possa situar-me fisicamente fora de mim [...] ainda assim eu não terei nenhum princípio segundo o qual eu poderia dar-me essa forma, modelar minha própria exterioridade, proporcionar-lhe o acabamento estético, se eu não souber situar-me fora de minha vida, se não souber percebê-la como a vida do outro. (Bakhtin, 1997, p. 102)

AUTOR/AUTORIA

Dentro do conceito de autor/autoria, Bakhtin (1997) distingue o autor-criador do autor-pessoa. O último, segundo Faraco (2005), está atrelado à função estética e formal de uma obra, preocupando-se em estabelecer uma relação estética com o herói de seu livro. Já o segundo destaca-se do mundo enquanto evento para se organizar em um mundo novo, se posicionando frente a uma realidade já vivida e valorada e transpondo esse plano.

Ele dá, portanto, forma ao conteúdo na medida em que não vive de forma passiva os acontecimentos da vida, mas os ressignifica, os reposiciona e os reorganiza. O autor não é considerado, então, nem apenas como refratário de vozes sociais nem como criador de sua própria voz, mas como aquele que tem uma voz que se apropria das vozes sociais e as reordena de forma singular. (Bakhtin, 1997).

Para isso, é necessário, conforme pontua Faraco (2005), um deslocamento do autor de seu próprio discurso:

Essa concepção do necessário deslocamento presente no ato de trabalhar uma linguagem estando fora dela remete àquilo que Bakhtin chama, em seu ensaio, sobre o autor e o herói, de o princípio esteticamente criativo na relação autor/herói, qual seja, o princípio da exterioridade: é preciso estar fora; é preciso olhar de fora; é preciso um excedente de visão e conhecimento para poder consumir o herói e seu mundo esteticamente (p. 41).

DOS CONCEITOS BAKHTINIANOS A UMA VISÃO DE PROCESSO GRUPAL

Os conceitos bakhtinianos podem ofertar diferentes fundamentos e inspirações para as práticas grupais. Nessa seção, alguns apontamentos explicitarão tais possibilidades, produzindo uma articulação entre os vários conceitos e sua contribuição para o campo grupal. Inicialmente, ao falar de romance dialógico, Bakhtin (2010) refere-se ao fato de que diversas vozes constituem uma mesma personagem de forma equipolente, atuando em sua consciência e em seu discurso de forma coautorial. Por sua vez, ao dizer de múltiplas vozes o autor não se refere às características concretas do dizer, ainda que as constituam, mas sim aos vários posicionamentos e visões de mundo que perpassam um enunciado, em que quando alguém produz um discurso, produz, conseqüentemente, um conjunto de relações sociais e históricas.

De forma consonante com o contexto dos romances dostoievskianos para as personagens de Dostoievski, Bakhtin (2010), portanto, enxerga o contexto social e histórico em que o sujeito está inserido como constituinte do mesmo, que parte de suas relações sociais para, de forma ativa, viver um processo de construção de si mesmo que é encadeado por atos/atividades, em que o próprio se constitui forma um complexo de atos, carregados do tom emotivo-volitivo indispensável a esse agir. Ao pensar nesses romances para falar da escrita dialógica, é possível lembrar as considerações de Zanella e Pereira (2001) sobre o espaço do grupo como um dos lugares onde o sujeito pode se constituir no encontro/confronto das relações sociais.

De forma resistente, os discursos carregados das inúmeras vozes sociais, por muitas vezes contraditórias, que acompanham os sujeitos, são destacados nos romances dostoievskianos, em que eles não são encerrados em tentativas de unificação ou conciliação dessas contradições, já que, caso o fosse feito, isso se qualificaria como monologismo (Bakhtin, 2010). É característica do universo monológico, portanto, a anulação de algumas vozes sociais em detrimento de outras, e a unificação das mesmas em um só ponto de vista. Um movimento que destaca certos posicionamentos e que submete outros, na construção de relações de poder. No universo dialógico de Dostoievski, ainda, a ideia não tem uma construção individual

permanente, mas se constitui como acontecimento a partir da comunicação dialogada entre sujeitos, o que só era possível para o romancista por sua capacidade de “auscultar a sua época como um grande diálogo” (Bakhtin, 1997, p. 100). Isso significa que não são as falas dos sujeitos que são ouvidas, mas as relações dialógicas presentes entre essas falas, ou seja, entre as vozes sociais constitutivas desses discursos.

Nas práticas grupais, perceber as vozes sociais presentes entre as falas dos sujeitos em lugar de assumi-las de forma isolada abre a possibilidade de compreensão das relações de poder construídas e naturalizadas nos enunciados. Expor a existência dessas relações clarifica a construção desses enunciados, o que pode proporcionar que os interlocutores se apropriem dos discursos, que compreendam sua própria constituição dialógica, abrindo a possibilidade para a criação, em polifonia, de novos enunciados. Para compreender as relações dialógicas entre as vozes sociais presentes nas falas que aparecem no lugar do grupo, é necessário que nenhuma ideia seja afirmada ou negada, mas que seu processo de construção seja entendido, dando espaço para que as contradições apareçam e se confrontem, provocando novos movimentos.

Pensando em um grupo dialógico, algumas questões podem ser destacadas. Para Bakhtin (2002), a personagem dostoiévskiana é valorizada por seu posicionamento sobre si mesma e sobre o mundo. Por conseguinte, o participante de um grupo dialógico deve ser valorizado não em termos de características e traços naturalizados, mas como dotado de um posicionamento. De forma consonante a isso, quando um sujeito se posiciona ele o faz de forma carregada de tons emotivo-volitivos que atribuem qualidade de afeto a essa visão de mundo, sobre a qual o grupo ganha a função de chamá-lo a se apropriar como ato.

Nesse lugar, o que importa não é uma espécie de traços essenciais do sujeito, mas sim o que ele e o mundo são para si mesmo, o que tais traços significam para ele mesmo e para sua autoconsciência, de forma que, assim como em Dostoiévski e suas personagens, as qualidades atribuídas ao sujeito, a sua posição social, seu hábito, seu perfil espiritual e inclusive a sua aparência externa – tudo aquilo que, teoricamente, ele é, torna-se objeto de reflexão dele próprio, portanto, pertencente a sua autoconsciência, em que toda a realidade se torna elemento dela (Bakhtin, 2010).

A autoconsciência das personagens dos romances dostoiévskianos é pilar para a decomposição de qualquer unidade que não seja polifônica no mundo artístico, já que a torna devidamente representada e dá a ela um lugar no enredo que não se funde ao autor e não se torna veículo do mesmo, em uma dinâmica dialógica de movimento (Bakhtin, 2002).

O movimento e a multiplicidade de vozes constituintes da dialogia, condições para qualquer existir, são anulados, porém, pelo modo de funcionamento capitalista constituinte das relações. Marx e Engels (1967/2013) colocam como características desse movimento a alienação do homem, a organização que visa a opressão de uma classe para com a outra e a origem de ambos na divisão social do trabalho, que operam em um sistema que prega a possibilidade de liberdade, quando ela é, na verdade, inalcançável pela própria metodologia basilar do capitalismo: a exploração.

Dessa forma, o que há de revolucionário nos romances de Dostoiévski está no modo como os diferentes modos de existir têm vazão e são vistos, como decorrentes das múltiplas vozes que o constituem. Para percebê-las, Dostoiévski aguça ao máximo seu ouvido, as ausculta como um diálogo infinito, em que as vozes do passado e as vozes do presente se encontram, se cruzam e se propagam para as do futuro. Não há, portanto, possibilidade de acabamento, estando o discurso polifônico sempre em aberto (Bakhtin, 2010).

Da mesma forma, o movimento e a multiplicidade de vozes constituintes da dialogia são condições para qualquer existir, em uma sociedade onde os discursos são encerrados monologicamente, porém, os sujeitos são colocados em uma posição passiva diante de sua própria constituição e de seu próprio estar no mundo, o que enrijece as possibilidades de transformação de si mesmos e de seus contextos. Assim, se faz necessário que no grupo que

faz aparecer a dialogia, a diversidade dos sujeitos que dele fazem parte seja escutada de forma o máximo possível aguçada, para que o diálogo entre as falas presentes e as vozes sociais que fazem parte do discurso que ali tem lugar ganhe espaço.

Ao falar em relações dialógicas, nos referimos à possibilidade de encontros entre múltiplas vozes sociais de forma equipolente. Isso significa, ao propor um grupo dialógico, que ocupamos um lugar não de oferecer lugar de fala, mas de estabelecer equipolência entre essas vozes, expondo as contradições dos enunciados dominantes, os funcionamentos monológicos e suas construções.

Além disso, ao pensar o modo como as personagens de Dostoiévski são vistas e se posicionam frente ao enredo na qual estão inseridas, podemos refletir sobre como os sujeitos que participam de um grupo dialógico também devem ser entendidos: como impossíveis de serem objetificados e encerrados em um conceito, sendo suas ações não passíveis de interpretação, mas de direito de ocupar um espaço em que possam de fato existir. Do contrário, um funcionamento monológico estaria repleto de relações que encerrariam os sujeitos em conclusões paralisantes e naturalizadas, não dando vazão às inúmeras vozes sociais e consciências que constituem seu discurso e, conseqüentemente, sua existência, constituindo um lugar de rigidez.

Um lugar de rigidez e estagnação se voltaria para a necessidade de adaptar o outro, transformá-lo em objeto de um contexto, naturalizando seu processo de constituição, tornando-o passivo e sem alteridade para a criação de novos discursos, fazendo dele uma imagem conveniente ao modo de produção vigente.

Assim, enquanto em um plano monológico, o sujeito é visto e se via como fechado em ações, afetações, pensamentos e discursos que cabem dentro dos limites de sua imagem definida, em um lugar cujo processo valoriza a dialogia, ultrapassam-se os limites de um caráter e de uma tipicidade desse sujeito, perturbando a ordem enrijecida desse contexto (Bakhtin, 2010).

De que forma, porém, esses processos grupais dialógicos podem ter lugar? Primeiramente, é indispensável ao grupo dialógico que os sujeitos ali presentes tenham a oportunidade de falar e de serem ouvidos, que seu discurso possa circular naquele lugar da forma como não acontece no cotidiano devido às relações de poder e à lógica da exploração típica da estrutura capitalista que norteia a sociedade.

Não é de qualquer forma, porém, que as falas dentro do grupo são ditas por seus membros e ouvidas nesse lugar, mas sim devendo-se partir do universo como sendo polifônico, com uma constituição ampliada, multifacetada e repleta de possibilidades, de onde, ao falar dessa realidade, o sujeito reflete de forma singular sua vida social, cultural e ideológica (Bezerra, 2005). Fazer com que o grupo seja lugar de fala para que os sujeitos possam dizer de si mesmos e de seu próprio contexto, significa garantir uma reflexão maior, sobre como se dá a constituição dessas pessoas e a relação que elas estabelecem com o mundo.

Por sua vez, pensar sobre seu próprio processo de constituição e sua relação com o mundo proporciona, ao sujeito, refletir sobre de onde ele vem questionar seu cotidiano e suas relações, ou seja, em outras palavras, problematizar a construção da estrutura social em que está contextualizado e as relações de poder em que está inserido. Abrem-se, assim, possibilidades diversas de se enxergar no mundo. Dessa forma, o grupo dialógico realiza um chamado ao sujeito para que ele responda por seus atos, para que ele se torne atuante, não indiferente, para que se envolva com o conteúdo do seu agir, com seus processos de constituição, valoração e avaliação de si mesmo em relação ao seu próprio ato.

Para que isso aconteça, uma mediação possível a ser realizada por quem propõe o grupo é aquela que atenta o sujeito para seu não alibi com relação a seu modo de estar no mundo, o faz (re)pensar sobre suas relações e, novamente, sobre como essas relações acontecem frente à sociedade em que vive, questionar os motivos pelos quais elas acontecem na forma como se

dão, e, mais ainda, o que é possível fazer com isso. Pensar sobre a própria passividade em seu cotidiano pode levar o sujeito participante do grupo a se posicionar dentro de sua realidade, a viver a partir de seu lugar singular, sendo capaz de reconhecer suas próprias ações e relações, não sendo mais um objeto descartável e pertencente à massa social, mas sim um sujeito singular, que não pode se abster de seu lugar.

Quando o sujeito pode responder por suas ações, não é mais possível que ele negue a realidade concreta em que se encontra, a possibilidade de transformá-la e a relação que estabelece com o outro nesse processo, visto que todo processo de constituição, que se dá em uma cadeia ininterrupta de atos, acontece na relação com o outro.

Proporcionar encontros dentro do lugar do grupo significa, em termos bakhtinianos, assegurar que o mesmo consiga proporcionar a posição de exotopia dos sujeitos em relação uns aos outros e a oferta do excedente de visão. Esse processo grupal só acontece a partir da percepção da existência de outros de fora, deslocados do próprio sujeito em questão e que podem lhe ofertar uma visão que lhe proporciona breve acabamento, suficiente para que o sujeito se volte para si e possa refletir sobre sua própria incompletude.

Esse processo dialógico está carregado, sempre, de outras vozes que não a voz direta do sujeito, a serem chamadas para compor o conjunto de vozes sociais que por ele serão reordenadas em um todo, de forma singular. Para isso, é necessário que o sujeito possa se deslocar ao menos brevemente de seu próprio discurso para que possa retornar a ele e transformá-lo (Faraco, 2005).

Os acontecimentos do grupo devem procurar abrir espaço para que o sujeito se enxergue nem tanto como único produtor de sua própria voz, nem como um mero refratário das vozes sociais que o constituem, mas como coautor de seu discurso. Dessa forma, o grupo dialógico não se constitui como lugar em que os sujeitos se expressam, apenas, pois esse lugar seria o lugar da simples reprodução de outros dizeres, mas sim o lugar da ativa coautoria de discursos, da criação de enunciados.

Para que isso aconteça, no entanto, é necessário que o espaço comum dos interlocutores do enunciado seja proporcionado; que o contexto do qual todos os interlocutores fazem parte seja conhecido e compreendido; e que cada interlocutor possa avaliar os enunciados que ali são proferidos, ou seja, possam oferecer seu olhar sob aquilo que é dito dentro do espaço do grupo (Brait & Melo, 2005).

Ao refletir uma realidade, uma condição histórica e cultural, tem-se o enunciado como um fenômeno da comunicação entre os sujeitos, que é vivo, que é passível de movimentação e de transformação, o que não o descaracteriza como sendo singular, no entanto, já que o próprio Bakhtin (1997) garante que o mesmo reflete a singularidade dos sujeitos que enunciam, pois o discurso perpassa por seus atos únicos e irrepetíveis, apesar de serem donos de coautorias.

Nesse sentido, o grupo dialógico é aquele que possui um movimento em que o sujeito é percebido como ativo e responsivo, por meio de uma abertura de espaço para que seu discurso possa ser ouvido e respondido e para que, a partir desses encontros, novos enunciados sejam criados, em polifonia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A construção desse texto é atravessada pelos limites provenientes do não compartilhamento direto entre a finalidade do mesmo e as atribuições a que Bakhtin destina seus conceitos. Entendemos, no entanto, o quanto falar de Dialogismo, Polifonia, Ato/atividade, Tom emotivo-volitivo, Enunciado, Exotopia/Excedente de visão e de Autoria diz do processo ativo do sujeito na constituição de si, inserido em um contexto cultural, social e histórico.

A partir disso, propomos inspirar um fazer grupal que também está comprometido com essa visão, sendo que o que resulta disso é um diálogo constante que se movimenta entre uma visão de grupo e as reflexões que os conceitos bakhtinianos proporcionam, produzindo a possibilidade de sermos coautores da construção de uma visão grupal.

A presença das vozes de Bakhtin e de outros autores nos quais nos embasamos constitui um enfoque, um recorte que é principalmente polifônico e necessário inclusive à estrutura de um artigo, na qual optamos por falar sobre constituição do sujeito e oferecer uma breve inspiração sobre a prática grupal em lugar de uma instrumentalização a fim de, primeiramente, apontar aspectos importantes e caros ao pensar em grupo: como nos posicionamos dentro desse lugar e de que formas as relações ali podem ser construídas de modo que proporcionem ruptura, movimento, contradições e dialogia.

Ao passo que esse encontro dialógico aponta um caminho, também deixa algumas questões ainda por pensar: A quais outros aspectos não nos atentamos ao refletir sobre os grupos e práticas grupais já existentes e a quais questões não nos propusemos a pensar ao apontar caminhos fundamentais para se pensar em grupos? Quais outros conceitos bakhtinianos poderiam auxiliar a pensar e pôr em prática um fazer grupal?

Assim como com a polifonia, Bakhtin (2002) aponta que a monologia está localizada em diversos campos da criação ideológica, até mesmo onde há coletividade, ou seja, onde há possibilidade de haver uma diversidade de forças que podem ser criadoras e movimentadoras, as mesmas podem se encerrar em uma unidade, em uma ideia, ou em um agente, que tornam estagnado esse lugar repleto de facetas.

Ao dizer sobre grupos, portanto, dizemos de um lugar onde há a possibilidade de acontecerem relações dialógicas, mas também fala-se de um lugar onde relações monológicas podem surgir, de acordo com algumas propostas, por exemplo, aquelas que buscam a chegada a conclusões pelas vias do consenso e não da exposição das contradições, aquelas que apreciam algumas ideias e subordinam outras de acordo com valores que são aceitos e outros que são refutados por uma parte dos membros do grupo, aquelas que estabelecem papéis que anulam a singularidade dos sujeitos em prol de uma harmonia grupal e que extinguem a possibilidade de os mesmos serem ativos em suas escolhas e avaliações frente a esse lugar. Entendemos essas questões como um convite para que outras pesquisas possam oferecer um excedente de visão, para que possam se relacionar com esse texto e agir a partir dele na produção de novos enunciados a respeito dessa temática.

REFERÊNCIAS

- Amorim, M. (2004). *O pesquisador e seu outro: Bakhtin nas ciências humanas*. Musa Editora.
- Bakhtin, M. M. (1997). *Estética da criação verbal*. (M. E. G. G. Pereira, Trad.). Martins Fontes.
- Bakhtin, M. M. (2010). *Para uma filosofia do Ato Responsável*. (V. Miotello & C. A. Franco, Trad.). Pedro & João Editores.
- Bakhtin, M. M. (2002). *Problemas da Poética de Dostoievski*. (P. Bezerra, Trad.). Forense Universitária.
- Bezerra, P. (2005). Polifonia. In: B. Brait (Org.), *Bakhtin: Conceitos-chave*. (pp. 191-200). Contexto.
- Brait, B & Melo, R. (2005). Enunciado/enunciado concreto/enunciação. In: B. Brait (Org.), *Bakhtin: Conceitos-chave*. (pp. 61-78). Contexto.
- Faraco, C. A. (2003). *Linguagem e Diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin*. Criar Edições.
- Faraco, C. A. (2005). Autor e autoria. In: B. Brait (Org.), *Bakhtin: Conceitos-chave*. (pp. 37-60). Contexto.
- Fiorin, J. L. (2006). Interdiscursividade e intertextualidade. In: B. Brait (Org.), *Bakhtin: Conceitos-chave*. (pp. 161-193). Contexto.

- Geraldi, J. W. (2007). A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. In M. T. Freitas, J. Souza, S. Kramer (Orgs.), *Ciências Humanas e Pesquisa: Leitura de Mikhail Bakhtin*. (pp. 39-56). Cortez.
- Martín-Baró, I. (2017). Crítica e libertação na psicologia: Estudos psicossociais. (F. L. Júnior, F. L., Trad). *Vozes*.
- Marx, K; Engels, F. (2013) *The Communist Manifesto*. Global.
- Lane, S. T. M. (2001). *Psicologia Social: O homem em movimento*. Brasiliense.
- Sobral, A. (2005). Ato/Atividade e evento. In: B. Brait (Org.), *Bakhtin: Conceitos-chave*. (pp. 11-36). Contexto.
- Vygotski, L. S. (1995). *Obras escogidas III: Problemas de la desarrollo dela psique*. Visor.
- Zanella, A. V. & Pereira. S. (2001). Constituir-se Enquanto Grupo: A ação de sujeitos na produção do coletivo. *Psicologia em Estudo*, 6(1), 105-114. <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2001000100011>

Recebido: 10/01/2019
Aprovado: 20/07/2023

Sobre os autores:

Barbara Maria Turci é psicóloga e Mestra em Psicologia pela Universidade Federal de Uberlândia.

Eliane Regina Pereira é docente do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia.

Emerson Fernando Rasera é Doutor em Psicologia pela Universidade de São Paulo, com pós-doutorado pela University of New Hampshire/EUA. Docente do Instituto de Psicologia e do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal de Uberlândia. Bolsista de Produtividade do CNPq.

Correspondência: pereira.elianeregina@gmail.com